

# Os Alferes

Mário de Carvalho

**Era uma vez um alferes**



Mais um passo na picada, menos um passo para Lisboa, dizia o alferes para consigo, convencendo-se de que, a cada passo, deixava para trás um pedaço de África. O ritmo do andamento dos homens, dispostos pelos trilhos em duas colunas, era, pois, o toque pendular do relógio que assinalava o tempo do regresso. Entretengas de tropa... modos de não pensar em nada e de ir negaceando os medos.

Ao assobiar dum pássaro — seria um pássaro? — o alferes, uma vez mais, deu-se a profanar um poema entredentes. Eram versos de Sédar Senghor que gerações sucessivas de oficiais universitários haviam virado do avesso: *J'écoute le chant de l'Afrique lointaine et le chant de ton sang; j'écoute le sang de l'Afrique prochaine et le saint de ton sang; j'écoute le son de l'Afrique putaine et le chant de ton sein...*

E quanto faltaria ainda, sorte malvada, para os quatro caminhos de Nhambirre? E quantos quatro caminhos mais faltavam para Lisboa, sorte malvada?

Maldita terra de Nhambirre, um barracão de adobes calcinados, escarafunchados de balas e estilhaços, uma cerca de

bambu derrubada, quatro cruces de pau — antes eram oito — alinhadas a um canto dos quatro caminhos, o estratégico, rotineiro, termo daquelas patrulhas.

Maldita Nhambirre, maldita África das cores fortes, da imundície, das doenças podres, da crueldade tão animalesca, quase inocente. Que tem o alferes a ver com aquela savana peçonhenta, com a tropa imensa, grosseira, maquinal, com aquela guerra de fora? Ele não é dali! Abaixo a ausência dos ocasos tépidos, dos matizes, da amenidade das transições. Nesta terra nem há crepúsculo. A savana, em dois tempos, chama o sol e devora-o, num rápido foguear dos céus em brasa.

Volta e meia, remói o alferes esta visão unilateral e um tanto preconceituosa de África: sente-se obrigado a empolar o ódio pela terra para que foi mandado à força. Quem há aí que possa censurar o alferes por paixão nas apreciações ou lacunas na objectividade?

O rechinar dos passos na areia, dos homens que avançam sem pressas, armas voltadas para fora, a vergarem o capim da savana, é agora o único ruído de vida na imensidade do espaço. Quando aquele embondeiro lhe ficar pelas costas, terá feito mais cem metros, pensa o alferes, mirando a árvore descarnada que arranha o horizonte, impondo-se negra, túrgida, inútil, à seara de capim.

Já passaram a sanzala abandonada, cubatas de lama esventrada, entre arvoredo esparso, nodoso e escuro, telheiros esbarbordados, lixeiras a eito, por sobre queimadas; já passaram as extensões de capim ceifado, a que os soldados chamam a «carrcada» porque uma autometralhadora segou o mato durante

horas, a tiro rasante contra um inimigo que já lá não estava; já passaram a lomba cravejada de crateras e sombreada de manchas escuras dos rebentamentos, de que certa noite houve quatro mortos.

Esta picada é, pois, o caminho para Nhambirre. Figura nos mapas militares com o número doze. A tropa, porém, dá-lhe nomes hiperbólicos ou redutores, que variam com o render dos batalhões. Já foi, em tempos, a «curva da morte», quando as emboscadas eram certas, logo depois de se estrear em Lisboa um filme com o mesmo nome. Hoje chamam-lhe o «passeio de domingo», porque a zona vai relativamente tranquila, «praticamente pacificada», como diz o Estado-Maior, não obstante as flagelações episódicas aos aquartelamentos. Mais tarde terá, provavelmente, outro crisma, conforme ao balancear da guerra e ajustado às imaginações da tropa.

A bem dizer, pensa o alferes — que momentos antes havia decidido que o melhor refrigério para a canícula era não pensar em nada —, a bem dizer, há quem ande por sítios piores...

Os homens seguem agora a fila pelas bordas da picada, bem espaçados uns dos outros como mandam as regras, armas apoiadas nos braços cruzados, os tapa-chamas atentos roçando o capim. Caminha-se sem pressas com a passada monótona e cadenciada de quem ainda tem muito que andar. À frente vai o guia preto, vestido de dólman puído e de calções rotos, que já não serve para ensinar caminhos porque todos os sabem de cor, mas ainda é útil para os percalços da vanguarda e para servir de língua nos episódicos contactos com as populações.

No revolver de areias, debaixo dos pés, desponta de quando em quando o brilho amarelo de cápsulas abandonadas, a

assinalarem tiroteios de presença dos outros pelotões de outros tempos.

Como é seu hábito, o alferes segue em décimo lugar na fila, «bicha de pirilau», como dispõem as normas da contraguerrilha. Não traz qualquer distintivo. Caminha desengonçadamente, sonolentemente. Mais passos na picada, Lisboa mais perto...

A operação fora anunciada pelo pelotão de comandos que, dias antes, pousara no aquartelamento, largado de helicópteros zunidores. Era esta uma tropa metida consigo, guardadora de distâncias. Tomavam o rancho à parte, em quatro mesas que lhes foram destinadas. Após as formaturas, passavam o tempo a exercitar-se numa carreira de tiro improvisada, gastando munições à discrição. Tinham formaturas especiais, a horas mortas, com grande alarido, para incómodo da tropa normal que os encomendava ao diabo, escondendo a cabeça debaixo dos lençóis. Assim como vieram, lá partiram pelos ares, para alívio de todos, lenço garrido ao pescoço e manga abotoada no punho, atavio ritual.

Mas com a partida dos comandos desencadeou-se a movimentação. Nessa mesma noite, o novo capitão convocou os oficiais para a sala de operações e, depois de algumas frases cortesias sobre coisa nenhuma, debruçou-se, com uma jovialidade irónica, sobre o mapa:

— Está em curso, meus senhores, a Operação Centopeia. Para alguns, menos entusiastas, seria uma satisfação saberem que, uma vez mais, nos ficamos pela periferia. Vejo já o desconsolo nos vossos olhares, ávidos de acção, a chisparem de brilho guerreiro. Mas, enfim, malhas que o comando tece... Ainda não foi desta... para a próxima será melhor...

Seguiram-se explicações tácticas, numa voz didáctica, escandida, pontuada de referências a números e a cotas. O alferes deixou deambular o pensamento e apenas reteve o que lhe cumpria fazer quando o comandante recapitulou:

— Então ficamos entendidos: aqui no cruzamento de Nhambirre, quem chegar primeiro monta a segurança e aguenta. Depois do contacto, invertem os caminhos e voltam à base, o nosso alferes Malheiro pela picada de Mafala e o nosso alferes Torres pela picada do Cantineiro, com olho vivo e nada de pressas. Está tudo claro? Não há dúvidas?

Tinham largado às cinco da manhã, com rações de combate para dois dias, o trivial. O alferes estava farto, mais que farto, de conhecer aquele caminho. Todos os pontos de referência lhe estavam assinalados na memória, as distâncias entre eles, as minudências do percurso. E agora a seguir vinha o renque de cajueiros, depois o espinheiro em forma de mão, depois o sítio em que encontraram o leão morto, depois a lomba em que mataram à granada o negro velho que disparava à queima-roupa, depois o cabeço da emboscada de Setembro, depois o embondeiro, baobá ou lá como aqui se chama, sempre coberto de pássaros, mais adiante a clareira colmada de folhagem e ramadas secas, depois...

Um estalido metálico, seco, nítido, deflagrou no ar. A fila imobilizou-se. Meio dobrados sobre as automáticas, os homens esquadrihavam todos os recantos, numa tensão feroz e atenta.

Bem a meio da picada, o alferes não se moveu. Estava parado, muito direito, os dois braços ligeiramente afastados do



corpo, o rosto petrificado fito em frente. Suspendia a arma pelo tapa-chamas, como quem assegura um contrapeso para um problemático equilíbrio.

— Pisei uma mina! Pisei uma mina, caraças! — repetiu, quase sem mexer os lábios para o furriel que se aproximava, inquieto. E havia nas palavras do alferes um tom de profunda tristeza, mais que grave ou compenetrado.